

PAISAGEM CULTURAL E PALIMPSESTO URBANO: autenticidade e tempo em Ouro Preto

Nina Monticelli

Arquiteta e urbanista, especialista em Building Information Modeling - Projetos Paramétricos
e Design Digital Aplicados à Construção Civil.

E-mail: contato@ninaarquitetura.com.br

VII Colóquio Ibero-Americano
Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto

O que é PALIMPSESTO?

PALIMPSESTO é um suporte de escrita, geralmente em papiro ou pergaminho, que conserva **vestígios** de um texto **anterior**, parcialmente raspado ou **apagado** para **PERMITIR A REUTILIZAÇÃO** do material e a inscrição de um novo conteúdo.

Mesmo recoberta por uma nova escrita, a **camada precedente não desaparece** por completo, permanece como **marca residual**, revelando a **SOBREPOSIÇÃO DE TEMPOS, USOS E SIGNIFICADOS**.

O Palimpsesto de Arquimedes, também associado a Constantinopla, atual Istambul, era um pergaminho de pele de cabra, posteriormente apagado e reutilizado para textos litúrgicos.

O chamado **palimpsesto de Arquimedes** é um códice do século V que continha uma cópia em grego das suas obras e que, séculos mais tarde, foi **apagado e reutilizado** em **textos litúrgicos** (AGUILAR, 2019).

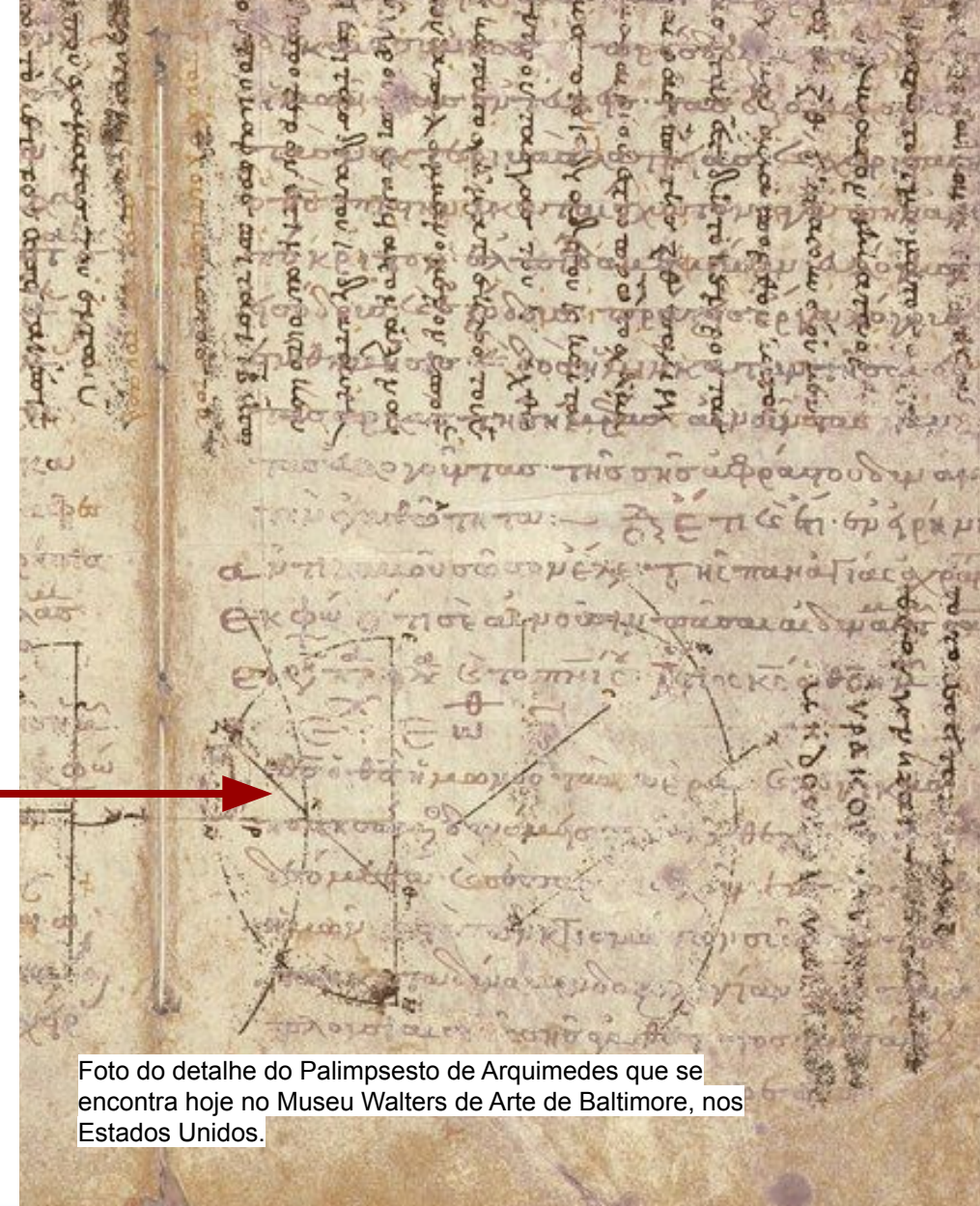


Foto do detalhe do Palimpsesto de Arquimedes que se encontra hoje no Museu Walters de Arte de Baltimore, nos Estados Unidos.

Corboz e o território como palimpsesto

Corboz desloca o conceito para o território: A CIDADE não é página em branco, é **ACÚMULO DE MARCAS, APAGAMENTOS, PERMANÊNCIAS E REINTERPRETAÇÕES.**

TERRITÓRIO não deve ser compreendido como uma superfície neutra, vazia ou disponível

Cada **SOCIEDADE** inscreve no espaço suas necessidades, seus valores, suas técnicas e seus modos de vida.

INSCRIÇÕES se acumulam, se sobrepõem e, muitas vezes, permanecem parcialmente legíveis.

Como propõe Corboz (1983), o território pode ser compreendido como um palimpsesto, isto é, como suporte de sucessivas inscrições históricas.



André Corboz foi um historiador suíço da arte, da arquitetura e do urbanismo, associado a uma leitura crítica do território, da paisagem, da cidade e do patrimônio.

O risco da imagem patrimonial

“El mapa es más puro que el territorio [...] Siempre tiene el peligro de simular lo que pretende exhibir.” (CORBOZ, 1983)

Em português, em tradução livre:

O **mapa é mais puro que o território** porque obedece a um princípio. Justamente por isso, deve-se desconfiar dele: toda **representação** corre o risco de **simular** aquilo que pretende **mostrar**.

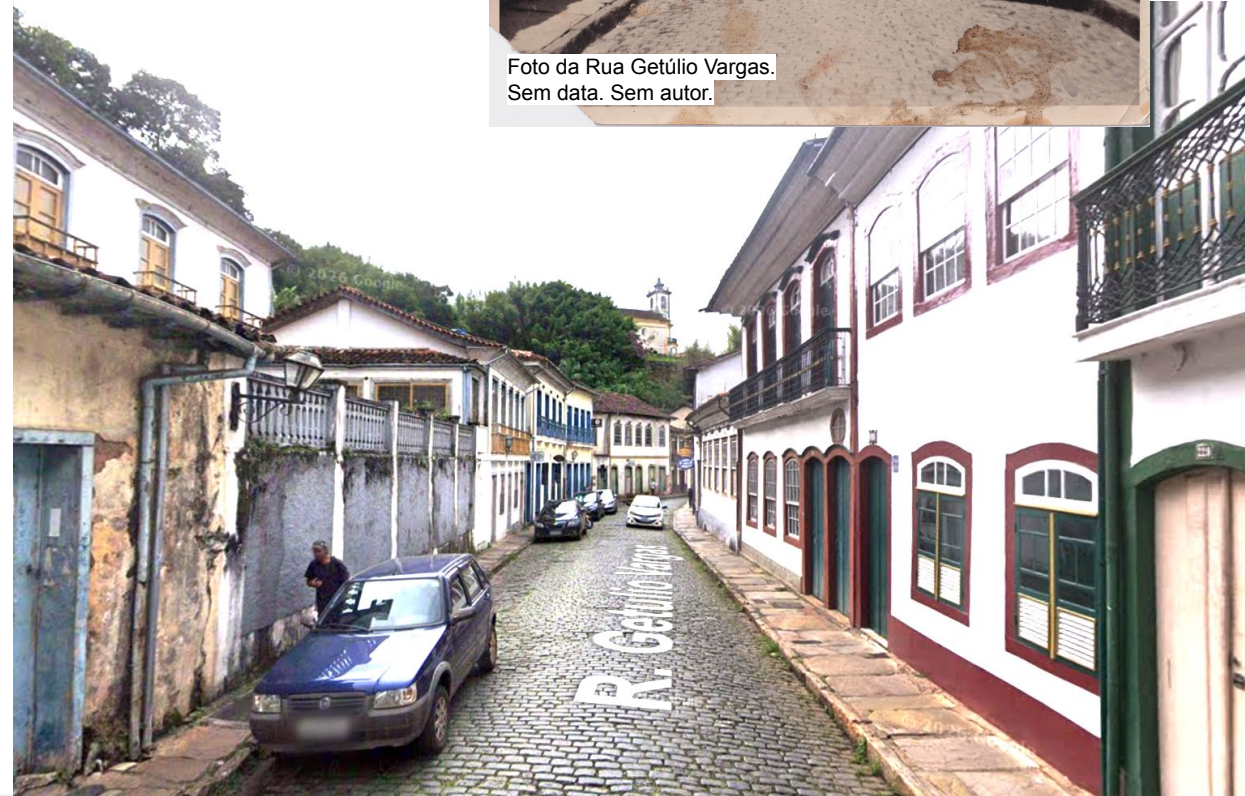
Risco de a representação se impor sobre o território

No caso de Ouro Preto, o perigo não está apenas nas transformações materiais da cidade, mas na construção de uma imagem patrimonial tão coerente e “pura” que passa a ocultar as camadas históricas que não se ajustam a ela.

A cidade real é mais complexa que a imagem patrimonial construída sobre ela.



Foto da Rua Getúlio Vargas.
Sem data. Sem autor.



Genius loci e Zeitgeist

Genius loci, (NORBERG-SCHULZ, 1979) - "**espírito do lugar**", o conjunto de características materiais, simbólicas, históricas e perceptivas que conferem identidade a um determinado espaço.

Zeitgeist, a noção de "**espírito do tempo**", aqui mobilizada, em diálogo com a filosofia hegeliana da história, permite compreender que as formas culturais devem ser lidas em **relação ao tempo histórico** que as produz (HEGEL, 2001).

Esses dois conceitos permitem compreender a **autenticidade da paisagem cultural** de Ouro Preto como resultado de uma **relação dinâmica entre PERMANÊNCIA e TRANSFORMAÇÃO**.

Quando uma intervenção contemporânea **imita** o passado, ela enfraquece o **zeitgeist**, pois deixa de expressar seu próprio tempo.

Quando uma intervenção **apaga** uma camada histórica anterior, ela empobrece o **genius loci**, pois reduz a complexidade do lugar.

Em ambos os casos, a paisagem perde legibilidade como palimpsesto urbano.




Christian Norberg-Schulz foi arquiteto, pesquisador norueguês, sua obra articula arquitetura, lugar, identidade e experiência, tendo como uma de suas principais contribuições o conceito de **genius loci**





1. ANDRÉ CORBOZ
Le territoire comme palimpseste
1983
Permite ler a cidade como palimpsesto: camadas, permanências, apagamentos e reinterpretações.




3. G. W. F. HEGEL
Lectures on the Philosophy of History
1837, publicação póstuma
Permite compreender o zeitgeist: cada forma cultural pertence ao seu tempo histórico.




5. FRANÇOISE CHOAY
L'allégorie du patrimoine
1992
Permite criticar a museificação e a imagem patrimonial congelada.

BASE TEÓRICA DO ARTIGO
autenticidade, paisagem cultural e palimpsesto urbano em Ouro Preto




2. CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ
Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture
1979
Permite compreender o genius loci: o lugar como identidade, experiência e atmosfera.



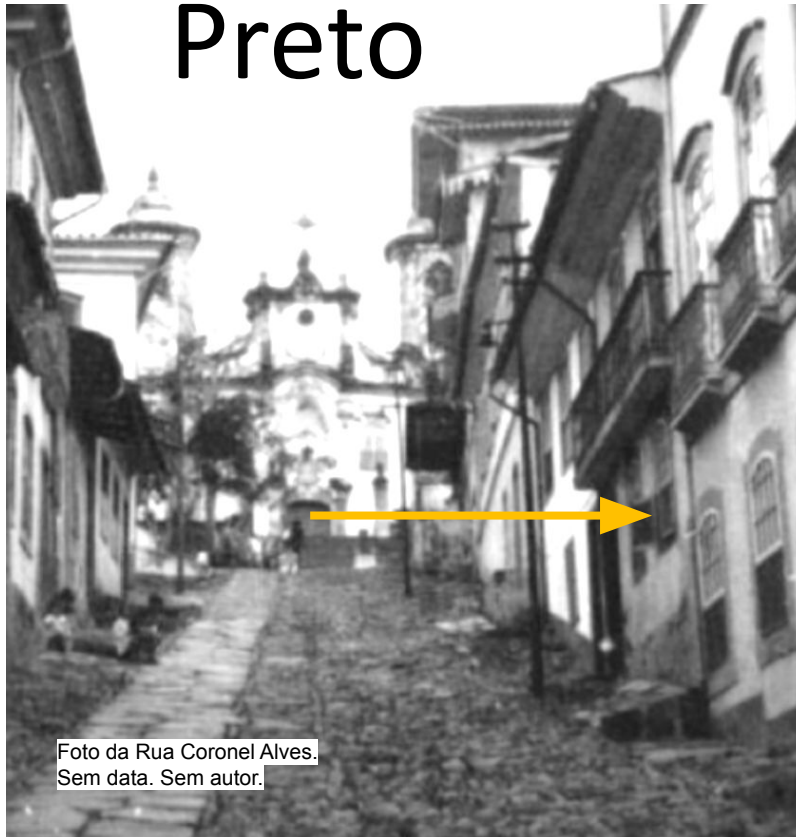
4. ALOIS RIEGL
Der moderne Denkmalkultus
1903
Permite entender que os valores do patrimônio mudam no tempo: antiguidade, histórico e uso.



6. LIA MOTTA
A SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios
1987
Permite compreender como o SPHAN construiu critérios de leitura e preservação em Ouro Preto, impulso inicial desta pesquisa.

 **Impulso da pesquisa:** a leitura de 'A SPHAN em Ouro Preto', de Lia Motta, motivou a problematização da paisagem patrimonial e de seus critérios históricos.

Mimetização e legibilidade histórica em Ouro Preto



Com Brandi e o Documento de Nara: **respeitar a historicidade** da obra **sem falsificar** o tempo. A **MIMETIZAÇÃO ANACRÔNICA** compromete a leitura histórica.

A paisagem idealizada

HERANÇA BASTARDA*

“Bastarda”, no contexto do parecer associado a Lúcio Costa, não significa ausência de valor histórico. Indica que, para o olhar patrimonial do SPHAN naquele momento, a arquitetura eclética/neoclássica do antigo Liceu não se ajustava à narrativa colonial idealizada de Ouro Preto.

Era histórica, mas não era a história que se queria destacar.

Era antiga, mas não era “colonial”.

Era parte do palimpsesto, mas foi lida como ruído.



Foto Antigo Cine Vila Rica.
Sem data. Sem autor.



Foto Atual Cine Vila Rica.
Sem data. Sem autor.

*O termo aparece ligado ao parecer de Lúcio Costa. No caso do antigo Liceu, o SPHAN exigiu que a fachada fosse “retificada”, com **eliminação de frontões e platibanda, colocação de beiral de cachorro e uniformização dos arcos.**

Segundo Costa, a “arquitetura bastarda” deveria ser corrigida para recompor a paisagem de Ouro Preto e a harmonia do conjunto (TAVARES, 2017).

Apagamento de camadas



ELIMINAÇÃO DE FRONTÕES E PLATIBANDA

COLOCAÇÃO DE BEIRAL DE CACHORRO

UNIFORMIZAÇÃO DOS ARCOS

Em diálogo com Choay: a crítica a **museificação**, permite problematizar o congelamento estético e a fixação de uma imagem colonial homogênea.

O problema não é o novo, é o apagamento das camadas.

Valores em transformação

Segundo Riegl: **valor de antiguidade, valor histórico e valor de uso mudam** conforme cada época.



Se Corboz ajuda a ver Ouro Preto como uma cidade feita de camadas, **Riegl** ajuda a entender que essas **camadas não são valorizadas da mesma forma em todos os tempos.**

O olhar patrimonial também tem historicidade. Por isso, **a intervenção sobre o Cine Vila Rica não deve ser lida apenas como uma alteração de fachada, mas como expressão de um momento** em que se escolheu reduzir a visibilidade de uma camada oitocentista.

O patrimônio também é reinterpretado pelo presente.

Valores em transformação



Se Corboz ajuda a ver Ouro Preto como uma cidade feita de camadas, **Riegl** ajuda a entender que essas **camadas não são valorizadas da mesma forma em todos os tempos.**

O olhar patrimonial também tem historicidade. Por isso, **a intervenção sobre o Cine Vila Rica não deve ser lida apenas como uma alteração de fachada,** mas como **expressão de um momento** em que se escolheu reduzir a visibilidade de uma camada oitocentista.



Referências bibliográficas

AGUILAR, Eugenio. **Como um manuscrito medieval escondeu um texto de Arquimedes**. *National Geographic Portugal*, 19 ago. 2019. Disponível em: https://www.nationalgeographic.pt/ciencia/como-um-manuscrito-medieval-escondeu-um-texto-arquimedes_1089. Acesso em: 14 maio 2026.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. Tradução de Anna Maria Tavares. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 2004.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CHUVA, Márcia. **Patrimônio cultural: entre políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CORBOZ, André. **El territorio como palimpsesto**. 1983. Disponível em: https://grupo1h2aboy2015.files.wordpress.com/2015/06/02-andre-corboz_el-territorio-como-palimpsesto_completo.pdf. Acesso em: 14 maio 2026.

CUNHA, Claudia dos Reis e. Alois Riegl e “O culto moderno dos monumentos”. *Revista CPC*, São Paulo, n. 2, p. 6-16, 2006. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i2p6-16. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpc/article/view/15586>. Acesso em: 14 maio 2026.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **The philosophy of history**. Tradução de J. Sibree. Kitchener: Batoche Books, 2001. Original publicado postumamente em 1837. Disponível em: <https://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/docentes/sites/safatle/2018/TCH/HEGEL%2C%20Georg.%20The%20Philosophy%20of%20History.pdf>. Acesso em: 14 maio 2026.

MOTTA, Lia. **A SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios**. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 108-122, 1987.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli International Publications, 1979.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

TAVARES, Denis Pereira. **O patrimônio nacional sob o imperativo estético**. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, Uberlândia, v. 30, n. 2, p. 205-231, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/download/38959/20608/161963>. Acesso em: 14 maio 2026.